

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sexta-feira 30 de Novembro de 1860.

N. 2

ACAJÁ.

As tentativas litterarias no Brazil, salvas honrosas excepções, se tem tornado um pouco desprestigiadas!

O fenecimento de algumas pouco depois de plantadas e de outras que tem expirado após curta existencia, provão exuberantemente a nossa proposição e justificação os serios embaraços que na actualidade são inherentes á empresas dessa ordem: contudo taes inconvenientes são algumas vezes superados pela coadjuvação que o publico presta áquellas pelas quaes dedica alguma sympathia, do que nada menos importa que os recursos sufficientes para serem mantidas.

Ao *Acajá* foi essa sympathia dispensada, facto provado pelas numerosas assignaturas que obtiverão os seus fundadores; ella por certo não foi prodigalisada tendo-se em mira os meios intellectuaes dos propugnadores dessa idea, mas sim na intenção de ser a mocidade coadjuvada e mesmo animada a colher as possíveis noções litterarias e portanto a desenvolver a mais sublime faculdade que possui.

Sob esses auspicios surgiu o 1.º numero, e, so nelle não foram deparados escriptos bellos, não devia essa occurrencia causar o menor pasmo, pois que, de jovens que fazem agora sua estrêa, não se podem esperar senão trabalhos que contebão um unico merito—o desejo de aprender.—

Não obstante as faltas encontradas nesse numero (as quaes com o tempo desaparecerão), não poucas demonstrações benevolas nos foram

tributadas. Essas demonstrações, comprehendemo-las bem, significão claramente o intento que nutrem os illustres cavalheiros a quem alludimos de animar-nos na missão que emprendemos.

Acceptamos com o maior jubilo as phrases tão valiosas quanto expontaneas da imprensa fluminense, e para demonstrar a nossa gratidão, não só promettemos adoptar os conselhos que se nos derem, mas tambem asseguramos que trataremos de não desmerecer da confiança que prodigamente nos tem sido dispensada.

Casimiro de Abreu. X

Da republica das letras desapareceu um tão joven quanto denodado combatente.

A perda foi por demais sensivel!

Não lamentão seus companheiros sómente o passamento d'um irião d'armas, tambem sentem a perda de um amigo fiel e dedicado.

Por isso o chefe da republica, de accordo com os membros do conselho superior das letras, expedio as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteião, fleassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, se lhe fosse erguido um monumento.

O nome desse guerreiro?

Casimiro de Abreu.

Seus feitos?

As produções em prosa e em verso impressas separadamente e *As flores das suas primaveras* reunidas n'um volume de poesias.

Qual será o monumento?

As suas composições inéditas offerecidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso!

Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro de Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobejamente illustrou a corporação commercial a qual pertencera.

Pertencendo os fundadores e sustentadores deste jornal em sua quasi totalidade! ao commercio, e desejando desenvolverem-se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na prestação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

E como elle, cumpre-nos exclaimar:

« Meu Deos ! tu que és tão bom e tão elemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
Num craneo de volcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto,
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
As vezes no embryão?!... »

Pobre arbusto! Após o florescer e quando os fructos já despontados começavam a amadurecer, veio o impio furacão arremessa-lo por terra.

E! mais uma esperança perdida!
Pranteemo-la!

Novembro 30 de 1860.

(Da Redacção.)

o orphão.

Ja hia alta a noite no seu mysterio que encanta. Nada mais se ouvia que o lugubre piar d'aves nocturnas, e o chilrar confuso de milhões de insectos. Erão as horas do meditar pungente

do poeta que ama e não é amado. Erão as horas do descansar das mentes calmas, e das castas virgens do vergel do mundo, reclinadas docemente no thalamo da innocencia, entre as perfumosas exhalações de halitos inebriantes, no dormitar d'um somno ameno, de donrados sonhos. Emfim erão as horas que nos seduzem e prendem nos elos harmoniosos da maga natureza!

E no entanto havia alguém que, nesses doces momentos reservados ao repouso das diurnas lides, não descansava, e não podia sequer um só momento deixar-se sopitar pelas suaves attrações do grão Morpheu! Oh! essencia divina e bella, por que reservais para um só ente todas as peças d'alma? Não vedes que muito pesão, e que elle é debil e fraco para poder com tanta carga?

E assim aconteceu!

Em uma das longas e mudas ruas de uma cidade de mortos, uma jazida, funerea e triste como a propria morte, se avultava por sua negra e ingente cruz, que destacava-se esguia d'entre aquellas que a rodciavão.

E o manto ethereo recamado de fanaes luzentes que circumdávão donatrosos o mais bello dos planetas, era como que o patrono da terra. A lua sempre linda e merencoria, fazia-se reflectir em toda a sua harmonia por sobre as ferreas moradas de milhões de ossadas.

Só velava o orphão, o filho abandonado no terreo espaço, carpindo e soluçando as agonias de sua alma e os pais que tanto amara.

Houve quem o visse penetrar no solemne recinto a passos lentos e indecisos, e esparzir pela amplidão soturna, olhares perscrutadores e incertos. Depois abaixar a fronte que um instante erguera, e caminhar certo até as plantas de uma cruz esguia, negrejante, e toca.

Depois... como que por um impulso quasi machinal, se lhe dobrarão os joelhos ante essa cruz, e murmurára uma prece fervorosa, longa e agonizante! Suas mãos na postura das de um reprobó que implora perdão para seus peccados, assim se conservavão! Mas não era um reprobó, e sim o filho da desgraça e do infortunio que impavido contemplava o desprender prematuro das petalas vixentes das flores de sua mocidade, ao insondavel abysmo de cruentas dores!

Pobre orphão!

Innocente e imbelle, desconhecendo o fel mundano, julgara que pobre e sem patrono, podia participar dos deleites dos Luculos e dos caprichos insensatos dos Cresus!

Enganou-se! mas já era tarde!

Um momento fascinado pelo luzir de uns negros olhos, julgara nellos encontrar a realidade tão almejada de seus sonhos de manebó, e a ingenua Vestal que lhe crepitaria as

chammas de sua mente abrasada no santo fogo do amor. Mas um olhar da misera vaidosa, cheio de desprezo e esgarneo lançado do alto de suas áras, foi a unica resposta que lhe merecera um olhar cheio de amor!

Se elle era tão pobre!

Se ella era tão rica!

Já se vê que elle muito baixo estava para poder chegar a tal altura, e que necessariamente só podia serpear-se pela base sem poder attingir ao ápice de tão monumental columna!

Oh! sociedade quão longe estais de saberes traduzir o nome de que te revestes!

E assim quebradas uma á uma todas as fibras de sua alma de aujo, o orphão comprehendêra que o pobre não pôde amar; e por isso julgava buscar no seio dos mortos uma morada entre elles e um linitivo á sua dor!!

No dia seguinte quando Phebo de suas rosas almofadas se erguia compassado para dominar com seus brilhantes e ardentes raios a vastidão immensa do orbe, um ente se agonizava nos derradeiros paroxismos de uma morte suicida, debruçado sobre a lapide marmórea do tumulo de seus pais!

Era o orphão!

Era o resumo da vida!

Silvio Rangel.

Lgrimas n'um tumulo.

Saudade immensa me ficou de ti...
Essa afeição que te sagrara infinda,
Inteira ainda continua aqui!...

« EUGENIO ARNALDO. »

I

A vida se passa como um sonho!

Os dias da infancia, são as flores inda em botão do jardim da vida.

Mais tarde, na quadra juvenil, na estação dos amores, as illuzões nos fascinao, as flores desabrochão banhadas pelo orvalho da esperanza, até que ao sol da vida murchão, como as brancas flores das laranjeiras.

Momentos de tristeza, assim como de alegria passamos na infancia, dos quaes guardamos doces lembranças.

Na juventude as scenas passadas nos vibrão no coração; causão em nossa alma emoções tão fundas, que no inverno da vida, na derradeira quadrã da existencia, das manhãs, das tardes e das noites de nossa primavera, nos recordamos com saudade immensa! Depois, as lembranças se apagam e o sonho se esvae! E nas trevas do

sepulcro, á sombra fria do cypreste, dormimos o somno eterno!

Meu Deos! quem por entre as rosas da vida não se terá ferido nos espinhos?

Quem não terá uma dôr, uma magoa, uma saudade, que um dia, na mudez da noite, na solidão dos campos lhe não faça derramar uma lagrima? uma só?!

Bem triste foi o dia 2 de Novembro de 185...

O aspecto sombrio do firmamento, a aragem fria do norte, e o rugir monotonu e compassado das ondas; contribuiam para tornar mais lugubre esse dia em que a Igreja commemora os defuntos.

E nesse dia, quantas lagrimas acompanhadas de soluços não banharão as campas dos que deixarão os entes que mais prezavão, que no mundo lhes erão caros!

E os que lamentão a falta de um pai ou de uma mãe, de uma irmã ou de um amigo; como tributo de saudade, resumem a expressão dos seus sentimentos n'uma grinalda de perpetuas ou saudades que depositão nas bordas do tumulo.

E depois, de joelhos, por entre lagrimas, beijão a lousa fria onde repousão as cinzas queridas e a Deos envião fervorosas preces!

E' um diã grave e por demais solemne e triste!..

II

Era de tarde.

Em companhia de minha querida mãe, de minhas manas pequenas e de duas lindas meninas, fui visitar a habitação dos mortos da Villa de....

Hum grande portão de ferro rolou sob seus gonzos e franqueou-nos a entrada.

Percorria-mos vagarosamente as estreitas ruas do cemitério, parando defronte das catacumbas onde o hom coveiro indicava que jazião pessoas do nosso conhecimento, quando reparamos que uma manina contemplava com muito interesse uma grinalda de saudades preza nas bordas de uma campa.

Meu Deos! — disse ella repentinamente juntando suas mãosinhas— he aqui que está meo pai... esta grinalda foi mamã!..... E não pode acabar! . . .

Os soluços embargarão-lhe a voz e lagrimas ardentes, lagrimas que muito diziam, deslizarão-se por suas faces mimosas.

O pranto é contagioso mormente para os corações bem formados e para as almas innocentes. Juntarão-se a ella suas camaradinhas.

Chorarão todas!

Esta scena tão tocante, commoveu-me muito. Silencioso e de braços cruzados, contemp'tei esse quadro tão simples, e tão singelo!

Era a expressão do sentimento mais terno, mais triste e doce — a saudade — manifestada pelas lagrimas de uma criança!

III

Seu coração ha pouco pululava cheio de prazer, seus labiosinhos surrião se com elegancia infantil.

E naquelle instante a tristeza precedeu a alegria, o pranto succedeu aos risos.

As consolações de minha mãe, suavisarão a dor que pungia naquelle peito innocente ainda.

As lagrimas cessarão, os soluços abafarão se.

Houve um momento de silencio.

Depois seus joelhosinhos tocarão a terra, curvou a fronte, postou suas lindas mãosinhas, ergueo-as para o Céu e... orou!

Orou com fervor pela alma de seu pai!

Deos jamais cessou de ouvir as supplicas da innocencia!

F. P. Gonçalves Junior.



A grandeza de alguns homens.

Os grandes homens, não nascerão com suas grandezas, mas adquirirão-nas pelo seus meritos. A historia nos fornece innumerous exemplos que, para cital-os todos sem sequer commental-os, occuparia muitas paginas, e que para descreve-los, seria necessario o talento, do qual não possuimos sequer um rão que illumine o nosso obscuro espirito. Procurando apenas citar um ou outro exemplo, procuraremos enittir de leve a nossa opinão a respeito de alguns nomes illustres e immortaes por seus feitos e escriptos. Para muitos espiritos a esgreira só existe nos olhos; para nós porém ella é mais saliente na intelligencia. Homero quando na sua velhice cahia na mais degradante indigencia, a providencia fel-o completamente cego. Seu espirito porém, sempre penetrante e profundamente intelligente, divisava aquillo que os olhos das turbas, não poderia sequer enxergar a minima sombra. Erguia sua fronte veneranda para o céu, e sua intelligencia penetrava nos mais profundos mysterios do creador que para os ignorantes é apenas uma creença mundana como qualquer outra. Estes, que possuem aquillo que o grande poeta perdeu na velhice, só vêem o que seus olhos os obrigão a ver. Estes, vêem e não comprehendem, aquelle comprehende e não vê. A luz do saber portanto, vale mais do que aquella que a natureza nos dá; entretanto es homens

vulgares são tão cegos, que nem conhecem que o são. Castilho, Milton, e tantos outros, estão no mesmo caso. Não são só desgraças deste genero que tem perseguido os genios; o indifferentismo dos homens tem morto alguns, a corrupção dos paizes tem descido outros, e a indigencia tem perseguido grande numero delles.

Byron, esse genio original da moderna Albion, descrendo da vida, embrenhou-se em torpes lupanares, e ahí corrompeu-se victima do indifferentismo da época. Nos momentos porém de suas devassidões, cada pagina que sua penna traçava no papel, era uma obra prima para os apreciadores do verdadeiro merito, e uma loucura para os espiritos medioeres. Benjamin Francklin, esse homem — nação, na phrase do poeta, foi por largo tempo pobre operario condemnado a eterno esquecimento, e que não teria por certo merecido as honras que obteve, se o brilho de sua intelligencia não illuminasse os espiritos dos seus compatriotas da America do Norte, que mais tarde reconhecerão em Benjamin Francklin o genio a quem a falta de posses condemnava a um esquecimento eterno. Benjamin Francklin foi pouco a pouco conquistando uma posição na sociedade, e quando o grito de liberdade, soou nas montanhas da colonia Ingloza, esse grande homem appareceu, e fez-se um dos primeiros athletas da liberdade do povo americano. Hoje sua patria venera seu nome, como o que doira uma das mais bellas paginas da historia da patria de Washington. Christovão Colombo antes de descobrir o novo-mundo ou moderno continente, vivia de fabricar cartas de geographia. A profundidade de seu saber, collocou seu nome na historia como um dos maiores vultos do seculo XV. Napoleão, o terror de dous seculos ou o homem immortal por excellencia, tambem principiou a sua carreira, n'uma mediocre posição. A sua excessiva coragem, o seu alto patriotismo, e o brilho de sua intelligencia, que mais tarde foi reconhecida, collocarão-o na mais alta posição a que mortal algum jamais chegou. Com dous sceptros e dous thronos, elle nunca deixou seu lugar de soldado, e não obstante ser rei de dous estados, jamais deixou de marchar a frente do seu exercito, até que uma vergonhosa traição, lançou-o nos braços de uma outra mais infame ainda. Seu nome porém é immortal, bem como os seus feitos. Se a aristocracia do seculo é a intelligencia, como disse o immortal Alvares d'Azevedo, os mancebos em cujos crancos existe o fogo do talento, terão um bello papel na historia da *aristocracia-secular*. Se parte dessa mocidade não occupa hoje um lugar na sociedade que lhe facilite o estudo das letras e sciencias, amanhã poderá

occupal-o, e então as luzes bebidas hoje, amanhã serão derramadas e será a senda estreita, que mais tarde se alargará, conforme a força do talento e da illustração que beberem no decorrer dos annos. A deserença é uma inspiração satânica que se alveja nos espiritos fracos; portanto, os que desejarem o progresso das letras patrias, deverão despreza-la e trabalhar com ardor pelo progresso da litteratura nacional.

W.

POESIAS.

Ai! sou triste!

A' LADISLAU NETTO.

Ai! meu Deus eu vivo triste
Sempre sempre a suspirar;
E os dias queridos,
Tão cedo perdidos,

Não voltão de novo trazendo venturas,
Doçuras
Tão puras
Do lar!

E sou triste como a rola
Que soluga os seus amores
No copado araçazeiro;
Como a yaga que murmura,
Pobresinha em noite escura,
Sobre a praia solitaria.
Mil segredos—mil queixumes
De algum nauta aventureiro.

E sou triste como o lyrio,
Que curvou a fronte altiva
Pelo sol do meio dia;
Como o pobre caminheiro
Que perdeu seu companheiro;
Que se vê triste—isolado
Sobre o cume de algum monte
Sem norte, sem luz, sem guia!

Ai! sou triste como o pio
Da coruja que esvoaça
Pelos ramos do cypreste;
Como as vozes desses nautas
Soluçando em rudes flautas;
Como as rosas da campina,
Desfolhadas inda virgens
Pelo sopro do nordeste!

Ai! sou triste porque soffro
Bem distante dos meus lares
Sem carinhos maternos.
Sem ver o anjo da vida
— A minha mãe tão querida;
Porque soffro nestes ermos
— Pombosinho sem guarida —
Vendo sombras... nada mais!

Embora tenha Petropolis
Tantos montes—tantas serras,
Tantas rochas seculares;
Embora tenha collinas
Esmaltadas de boninas;
Ai! minh'alma só suspira,
Pelos gozos já passados
Pelas festas dos seus lares. 1

Muito soffro aqui sósinho
Nestes montes solitarios
Sem ternuras—sem caricias;
Vivo triste—quasi morto,
Sem alento e sem conforto!
Dá-me ó Deus os meus amores!
Dá-me os ares do—Catete—!
Dá-me a vida em mil delicias!

E ai! meu Deus, eu vivo triste
Sempre, sempre a suspirar,
E os dias queridos,
Tão cedo perdidos,
Não voltão de novo trazendo as venturas,
Doçuras
Tão puras
Do lar!

Petropolis. 1860.

Gaspar de Azambuja.

Não queiras!

A' D. A.....

Não queiras, não queiras, saber linda virgem,
O arcano que cobre meu triste sorrir;
Colhêr não, não queiras o ultimo pranto
Do pobre que chora seu triste porvir.

Não queiras, oh! virgem por Deos não, não
queiras,

Saber dos meus santos e puros amores;
A dor que me rala no intimo d'alma
Não queiras aheal-a no veu de palloros.

Tu pensas brincando nos sonhos da vida
Vivendo ao perfume do niveo jasmim;
Não colhas as pet'las da flôr que já murcha..
Crestou-lhe o seu calix martyrios sem fim.

O eden da vida morreu n'um abysmo,
 Levando commigo essas creanças mais santas!
 A esp'rança—fugio-me p'ra sempre do peito
 Deixando-me n'alma só dores...—oh! quantas!

Tambem já sorri-me do mundo mentido,
 Tambem já amei com amor de poeta;
 Mas esse sorriso tornou-se hoje em pranto
 Que em dores e magoas minha alma vegeta.

Não queiras, não queiras, erguer esse crôpe,
 Que envolve um passado que o peito maldiz;
 São dores nascidas de muitas esp'ranças...
 São tristes enlexos d'um vôo infeliz!...

Não queiras, oh! virgem por Deos não, não
 queiras,
 Saber dos meus santos e puros amores;
 A dor que me rala no intimo d'alma
 Não queiras achal-a no veu de pallores.

J. M. Dias.



Teus olhos.

Por teus olhos negros, negros,
 Trago eu negro o coração.

A. GARRETT.

Esses teus olhos tão negros,
 Inspirão muita paixão;
 Por elles—dentro d'esta alma
 Veio atear-se um volcão.

A chamma doce que lançaõ
 Vem toda cheia de amor;
 Tem desmaios feiticieiros
 Teus olhos de negra còr.

Eu que desprezo os castanhos,
 Os verdes, pardos e azues;
 Que amo dos olhos negros,
 A meiga e divina luz;

Eu que—vaguêo na vida,
 Procurando uma paixão;
 Que sinto arder no meu peito,
 Por teus olhos um volcão:

Não posso deixar de amar-te,
 Não posso viver assim;
 Quero que volvas teus olhos
 Sempre, sempre para mim.

Rio 20 Novembro de 1860.

A. C.

Amores.

A' J*****

Foi n'um baile, n'um baile que vi-a,
 Tão garboza, tão linda a dansar;
 Era bella, mais bella que Venus
 Essa estrella fulgente a brilhar.

Seus cabellos dourados e crespos,
 Encolrião seo collo gentil;
 Seus olhinhos, tão negros, tão vivos,
 Esmallavão seo rosto infantil.

Suas faces coradas mimosas,
 Seo corpinho d'infindo primor,
 Os seus labios, tão finos, rosados,
 Parceião dizer—Quero amor!

E eu amei-te donzella, d'entro d'alma
 Com um amor sem igual.
 Tu me foste na misera existencia
 Que Deos n'este paúl me concedera
 Senhora sem rival!

Segui teos passos, junto á louca turba
 Quando dansavas no salão luzente
 E fitei teu semblante!
 Viste-me ó bella e para mim sorriste
 Co'um sorrir fascinante!

Louco perdido de encantada esp'rança
 Que nos teos labios vi;
 Fugi do baile co'a cabeça em febre...
 Corri as ruas delirante e cego
 Tê qu'exhausto calô.

Quando Phebo em seo carro de triumpho
 Expulsando da terra as densas trevas,
 Radiante appareceo;
 E doce orvalho qu'inundava o bosque
 Com seo raio aqueceo:

Eu despertei! Confuso e duvidoso
 Julguei haver sonhado;
 Mas um sonho não foi, foi realidade...
 Oh! se soubesses quanto então te amava
 Talvez que fosse amado!

Nas horas vagas, se scismava triste,
 Se os sonhos vinhão perturbar minha alma,
 Era em ti qu'eu pensava.
 Tua imagem de fogo ante meos olhos
 Incessante pairava.

E eu amei-te, donzella, d'entro d'alma
 Com um amor sem igual.
 Tu me foste na misera existencia
 Que Deos n'este paiz me concedera
 Senhora sem rival!

S. Ribeiro.

Um passeio.

(LENDÁ)

A. M. M.

Momentos ha na vida em que o homem entregue aos seus pensamentos, sente como que inchar-se o coração; quer respirar, e o ar lhe falta; o tumulto do povo o angustia; busca um lenitivo aos seus soffrimentos, e só o encontra na solidão!

Em uma tarde de estio, o sol hia baixo e a sua luz vespertina reflectia frouxa nos cumes das montanhas. Este quadro, que tanto influe em uma imaginação acabrunhada pelas vigílias e pelos sonhos tormentosos, fazia-me experimentar uma dessas horas de vida que bem a comprehendemos, mas não podemos expressar.

Era triste! O cantar melodioso do sabiá e o chilrar melancolico dos gritos, ainda mais augmentava a agitação de minhas idéas. Tudo me aborrecia, e até a própria existencia me causava incommodo; precisava distribuir-me e para lograr esse intento fui passeiar em um pequeno bosque que pouco distava da minha habitação.

Ahi, ouvindo os cantores da natureza, uma subita metamorphose se infundio em minha alma que quando tornei a mim do estado de torpor em que tinha cahido, em lugar de achar-me perto de casa, percebi estar em espessa matta e ignorar a maneira porque della sabiria!

A procura de ver-me livre do labyrintho em que cabi, percorri por longos minutos algumas frestas que encontrei, mas todos esses esforços forão inuteis. Era noite fechada; e as densas nuvens que ennegrecião o firmamento, unidas ao receio de encontrar alguma fera, obrigavão-me a procurar alguma copada arvore para nella pernoitar. Não tinha outro recurso a lançar mão e quando começava a subida para essa volante moradia, eis que deparo com uma luz consoladora que ao longe reflectia.

Segui meus passos em direcção dessa luz e após enfadonha digressão, encontrei o lugar em que ella se achava; era uma choupana situada n'uma elevação pedregosa perto da qual existia uma catadupa cujas agoas, cahindo em caixões, fazião-se ouvir a curta distancia.

Cheguei á choupana e o que vi?

Um ancião vestido de pelles, de faces rugadas, de cabeça nua, e com parte do peito coberto por suas encanecidas barbas!

Todas essas circumstancias, á primeira vista demonstravão os longos soffrimentos por que esse ancião havia passado!

Approximei-me sem fazer grande ruido, pois confesso que ao vel-o, algum estremecimento senti; não obstante as minhas precauções e quando tremulo, delle me avisinhava, presentio meus passos e sobresaltado perguntou-me:

— O que descejas, mancebo?

— Senhor—lhe respondi—passeiava pelo bosque e affastei-me maquinalmente dos meus lares; sem ter conhecimento do caminho porque devia trilhar, lembrei-me, como unico refugio ás feras que por ventura houvessem, pernoitar no cimo de uma arvore e trepado n'um galho avistei o reflexo da luz que resaltava dessa choupana e para aqui dirigi meus passos, crente de obter uma pousada por esta noite.

— Podeis, mancebo, dispor desta choupana como se ella vos pertencesse—respondeu-me o ancião com o rosto banhado em lagrimas.

Essas lagrimas, não só commoverão-me em excesso, tambem fizerão com que se extinguisse o torpor em que me achei quando avistei-o.

— Porque motivo choras?—perguntei-lhe.—

— Vês aquella catadupa?—tornou-me elle designando-me o lugar em que ella existia.—

— Vejo: mas que tem ella de mysteriosa para que as lagrimas se vos deslizem pelas faces?

— Ouvi, mancebo—disse elle sentando-se n'um banco de musgo e designando-me um lugar junto a si—o motivo pelo qual as lagrimas sempre assomão-me ao rosto quando qualquer viandante aqui aporta; sede attento e ao facto estareis de um caso lastimoso.

E começou a narrar o pequeno quadro que passo a expor.

— Ha cinco annos que um mancebo, como vós em idade, mas de um pórté nobre e generoso em toda a essencia, se lançou della por deixar-se apaixonar por uma mulher bella como as flores, mas tão inconstante e desleal que pelo volúvel coração que possuia, foçoou-o a commetter um crime tão atroz como de facto é o suicidio!

Elle amava-a com um amor tão puro, tão santo, como santo e puro foi o amor de Tasso por Leonora. Um dia—depois de longos mezes de incertezas cruéis, nos quaes alguns dias de prazeres inexplicaveis elle fruiu quando um sorriso se distinguia nos labios desse ente, apar de muitissimos outros de cruenta desesperação motivada pelo sarcasmo e indifferentismo que della resultavão—elle declarou-lhe o fogo lento que o amor atcava em seu peito, expoz-lhe que

precisava de ser amado para poder viver, e, quando julgava perceber e gozar a realidade de seus sentios, quando contava obter a felicidade que presagiava, ella fria, insensivel e vaidosa matou todas as esperanças do mancebo deixando de corresponder aos seus apaixonados edyllos! Nem sequer teve um sorriso esperançoso que fizesse prolongar a existencia d'aquelle que esquecera de tudo no mundo para dedicar-lhe todos os seus pensamentos e para erguer um altar aos seus encantos!

O infeliz amante tornou-se louco com essa repulsa e como o sol que se submerge á hora crepuscular, elle falto da vida pelo fenecimento de seus amores, arrojou-se do cimo da cata-dupa e deixou de padecer.

Elia poucos mezes sobreviveu áquelle que tanto a amara sem ser amado; os remorsos mais que os soffrimentos physicos, fizeram com que ella com o coração corroído pelos desgostos de que fôra causadora, deixasse de existir.—

O velho terminou essa tragica narração em excesso sensibilizado; ea tambem não tinha podido suster as lagrimas que de meus cilio cahião ao ouvido.

A noite bastante se adiantara; recolhemos ao interior da choupana e em breve Morphieu tinha-se apoderado de nós.

Quando a aurora fazia dissolver as trevas nocturnas e as aves felicitavão com seus variados gorgeios o romper da alvorada, o ancião despertou-me, lembrando-me os cuidados em que estarião meus pais pela minha ausencia e que quanto antes tinha o dever de entrar em casa e dispersar as inquietações de minha familia.

Agradecei como me foi possível os desvellos que elle tinha tido para commigo e procurava descer a encosta, quando elle expoz-me o meio mais facil de chegar á minha habitação, aconselhou-me que não acreditasse nem tribu-tasse amor a mulher alguma.

Reiterar os meus cordiaes agradecimentos e prestes segui o caminho que o bom homem me indicara.

Já o sol diffundia seus calorosos raios pelas campinas que no sul se encontrão com facilidade, quando avistei os lares paternos; e em poucos minutos achava-me nos braços de meus progenitores que inquirião a causa de minha ausencia.

Nartei as peripecias que me tuião sobrevindo desde que entrara no hos pue, até o apartamento do ancião que me abrigára em sua choupana. Meus pais, depois de lastimarem os successos que eu acabava de relatar-lhes e que me tuião sido communicados pelo habitante da encosta, aconselharão-me que jamais me entranhasse pelos bosques com especialidade á tarde.

Machado da Cunha.

A classe caixeiral.

Seria por certo uma falta indesculpavel se nas columnas d'um jornal mantido quasi exclusivamente por membros de uma corporação numerosa, deixassemos de tratar della; e para não sermos acobimados com a péda do ingrato, procuraremos, como permitirem os recursos ao nosso dispor, submeter algumas considerações a respeito.

Houve uma epoca não muito remota, na qual o caixeiro (segundo os usos existentes) quasi que se tornava um ente abjecto na sociedade! Os costumes plantados por nossos avós e seguidos sem a menor discrepância até meião do presente seculo, causavão os maiores males á illustração daquelles que se inclinavão a esse meio de vida; os factos estão no dominio de todos os que acompanharão os successos effectuados após o anno de 1850 e por isso desnecessario se torna especifical-os.

Dessa data em diante, uma nova era resultou a corporação caixeiral, que, se não distinguia a realisação geral do que anhelava, ao menos observou a concessão de algumas regalias que pela força das circumstancias lhe foram facultadas.

Infelizmente não se tornou unanime essa facultação; para muitos espiritos o facto da civilisação é uma cousa ignorada e por jaserem em tão densas trevas, (como de facto são as que dimanão do excessivo materialismo) deixão de concordar com as ideias progressistas que o seculo tem reclamado como convenientes ao verdadeiro estado moral e intellectual da epoca.

Não obstante essas cauzas, é evidente que o caixeiro de hoje não pôde ser comparado com o dos tempos passados. Os uzos e os costumes foram modificados. A oppressão e o rigorismo, quasi que se achão banidas.

Na actualidade o commerciante não tem receio de descer de sua dignidade, entretendo longa ou curta conversação com os seus empregados, e nem se embarça com a maneira decente de seo trajar; hoje, o amo deseja que seus caixeiros cumprão com seus deveres, trata-os com a urbanidade respectiva, reconhece-os como homens livres e assim considerando-os dispensa-lhes a liberdade de acção nas horas do descanso material.

Não deixamos de declarar que existem algumas excepções sobre o facto que acabamos de descrever.

F. T. Leitão.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^ª, rua do Cano n. 163